



Instauratio Magna

Revista do Programa de Pós-Graduação
em Filosofia da Universidade Federal do ABC
v. 1, n. 1 (2021): Edição Inaugural

Entrevista

Prof. Dr. Daniel Pansarelli

Realizada por
**Izabela Loner Santana e
Pedro Casalotti Farhat***

Universidade Federal do ABC
São Bernardo do Campo (SP)

Entrevista sobre a Filosofia no ABC paulista e na UFABC com o Prof. Dr. Daniel Pansarelli, conselheiro da Revista de Filosofia *Instauratio Magna*, docente na UFABC do Bacharelado e da Licenciatura em Filosofia, do Bacharelado e da Licenciatura interdisciplinares em humanidades e do Programa de Pós-Graduação em Filosofia. Além disso atua como chefe de gabinete da reitoria da UFABC e coordena o GT de Filosofia da Libertação, Latino-americana e Africana da ANPOF.

* Entrevista realizada no dia 19 de outubro de 2020 por Pedro Farhat e Izabela Loner, editor e editora responsáveis.

Revista de Filosofia Instauratio Magna [RFIM]: *Você poderia reconstruir, ainda que brevemente, a história da filosofia no ABC paulista, região em que se encontra a Universidade Federal do ABC (UFABC)?*

Daniel Pansarelli [DP]: Para isso, acredito que precisaríamos investigar se a presença da filosofia na região que depois se tornou o ABC paulista não teria começado com José de Anchieta. Acho muito provável que haja algo histórico a ser investigado, já que ele fazia esse trânsito entre a antiga Vila de São Paulo e a região de Itanhaém. Superado esse passado distante, eu remontaria o início da presença formal ou institucional da filosofia no grande ABC a cursos que não de filosofia propriamente, como, por exemplo, na Universidade de São Caetano do Sul (USCS), antigo Instituto Municipal de Ensino Superior de São Caetano do Sul (IMES), com seu curso de ciências sociais, e, na Fundação Santo André (FSA), os cursos de ciências sociais, história, geografia e pedagogia, que apresentavam uma forte carga de filosofia. Esses cursos remontam aos anos 1970, momento em que não se tinha uma oferta de ensino superior tão significativa e democratizada quanto hoje. Por isso, na época, era muito comum que pessoas interessadas em determinadas áreas fossem para cursos correlatos ou mais próximos de seus interesses e que, por tais motivos, ocupavam o cenário filosófico no ABC.

Paralelo a isso, eu citaria ainda a presença nos seminários

religiosos, como o Seminário Católico de Santo André, a Universidade Metodista (UMESP) com sua faculdade de teologia — a qual, por muito tempo, formou todos os pastores e líderes religiosos das igrejas metodistas brasileiras — e sua Pós-graduação em Ciências da Religião, todos com presença significativa da filosofia em suas formações e currículos.

Até onde sei, será a própria UMESP a abrir o primeiro curso de filosofia propriamente, em meados de 1995-1996, mais ou menos. Eu não saberia dizer se houve algum curso de filosofia pontual, menos expressivo, mas, se teve, não foi um curso que gerou uma escola, digamos, não teve uma consequência de anos e anos de formação de modo que pudesse espalhar professores pelas redes de ensino da região, bem como na própria área da filosofia. Acho que essa lacuna, que foi sendo preenchida por áreas próximas, por cursos com alta carga teórica e filosófica, tem a ver com o fato de na região ser tardio o surgimento de uma universidade pública. A filosofia não é uma área com demanda mercantil significativa e, mesmo no grande ABC, região bem servida de instituições de ensino superior, é difícil de esperar que em cursos particulares de faculdades menores houvesse interesse em se criar um curso de filosofia. Esse cenário se modifica com o surgimento da área de humanidades na UFABC, em meados de 2010, principalmente pela natureza pública e gratuita da instituição, que possibilita maiores condições de pesquisa, extensão e atividades de ensino em cursos de menor

demanda. Enquanto isso, simultaneamente, ocorre a emergência e o avanço predatório de instituições de educação particulares mercantis, o que gera desequilíbrio nas contas das instituições híbridas e tradicionais, já que exige que elas tenham que disputar mercado, número de alunos, baratear cursos, o que leva a uma desaceleração do crescimento e diminuição, por parte delas, do campo das humanidades e da filosofia, principalmente.

Esse cenário mostra uma transição do papel de principal polo de produção e manutenção da filosofia na região, que passa das instituições híbridas tradicionais à UFABC. Papel esse que só tem se consolidado em conjunto dos cursos de graduação interdisciplinares e do PPGFIL-UFABC, principalmente, como primeira pós-graduação *stricto sensu* em filosofia na região, o que mostra um protagonismo e uma solidez não só no campo da filosofia, mas que tem também reflexos na produção e disseminação filosófica na região.

RFIM: *Como você vê o encerramento das atividades de cursos de graduação de instituições históricas para a região, como a UMESP e a FSA?*

DP: Vejo com tristeza e preocupação, pois creio que enquanto tivermos nossos interlocutores mais próximos presentes na região, como os cursos de filosofia de outras instituições ou até mesmo seus cursos de humanidades, teremos mais benefícios

para nossa produção filosófica na UFABC, para a própria região e para o cenário filosófico nacional que compomos. Cada vez que diminui a atividade em um curso de filosofia ou de humanidades na região, todos nós perdemos, pois a cooperação, o intercâmbio e o estímulo que existem no diálogo, nos provocam.

RFIM: *Como você percebe a presença (ou ausência) da filosofia na região do grande ABC? Há algum sentido ou motivo para a ausência ter sido tão grande até agora, até as últimas décadas do século passado?*

DP: Não saberia responder comparativamente com outras macrorregiões paulistas se estamos atrasados ou não em questão de produção filosófica, salvo as macrorregiões que abrigam alguma universidade estadual. Já para fazer comparações nacionais, lembro que em 2002, 2003, estive no estado do Acre dando formação para professores, pois antes de qualquer legislação nacional, eles já haviam implementado a disciplina de filosofia no currículo do Ensino Médio, mas não havia nenhum curso superior de filosofia no estado, o que deve ter sido suprido depois, mas ilustra a dificuldade. Claro, estou comparando com uma realidade bem diferente, mas acredito que isso mostra que em nossa região não esteve mais ausente do que em outras, salvo as capitais que contavam com os principais campi das universidades públicas.

Outro ponto para pensarmos a questão da presença versus

ausência da filosofia na região é a força da Associação de Professores de Filosofia e Filósofos/as do Estado de São Paulo (APROFFESP), que no começo dos anos 2000 tinha no grande ABC um de seus núcleos mais estruturados e organizados, o que mostra a disseminação e presença da área no ensino básico e público. O fato de se formar professores de filosofia na região há quase 30 anos acaba disseminando uma presença, ainda que aquém do que gostaríamos e do protagonismo que a região do grande ABC conseguiu e consegue em outros setores da vida social brasileira. Por exemplo: a filosofia no grande ABC ainda está longe de ter a importância nacional em comparação com a contribuição que a região possui na constituição do PIB brasileiro e talvez mais ainda se pensarmos na presença do ABC na formação das lideranças de movimentos sociais no Brasil.

Claro, quando olhamos no que o ABC desponta, a filosofia tem muito pelo que se fazer presente, mas eu não chamaria de ausência. Pode ter ausência de uma escola filosófica característica do grande ABC, algo que nem sei se devemos ter ou querer!

RFIM: *Você mencionou que a filosofia possui muitos motivos para se fazer presente aqui. Qual o papel ou as funções que a filosofia ainda não cumpriu nesta localidade?*

DP: Acho que ainda não cumprimos nosso papel, pois se pensarmos na região do grande ABC e no papel que ela teve

na superação da ditadura militar, na formação de organizações populares e na sua presença ainda hoje em grande parte dos movimentos sociais organizados no Brasil, encontramos débitos e papéis não cumpridos pela comunidade filosófica. Isso, pois não produzimos no grande ABC, pelo menos não de maneira sistemática, organizada e orgânica, reflexões e práxis filosóficas que ajudem, sustentem, orientem e deem respaldo aos movimentos sociais e outras experiências em âmbitos culturais e sociais presentes no ABC. Isso ocorre, acredito, em parte, porque não nos deixamos orientar por esses movimentos, a nossa relação de troca com eles ainda é pequena.

Se existe no ABC um movimento sindical organizado o suficiente para elevar à Presidência da República um de seus líderes, ainda não tivemos uma provocação e uma produção filosófica que promova, provoque — no sentido de pró-vocação, de vocacionar, re-vocacionar — a presença desses movimentos.

Se, por um lado, nos fizemos presentes na educação básica com as licenciaturas, por outro ainda não cumprimos nosso papel de provocação filosófica aos movimentos organizados e à produção de políticas públicas, pois não vejo a filosofia se fazendo presente nos fóruns regionais e municipais de cultura e educação, onde ela poderia desempenhar um papel social. Há pessoas formadas em filosofia presentes lá, mas usualmente não atuam enquanto filósofos e filósofas, faltando contribuições dessa natureza.

RFIM: *Há, no seu modo de ver, alguma característica específica da filosofia feita no ABC paulista? Deveria haver tal característica ou não?*

DP: Acho que não deveria ter uma característica planejada, um direcionamento intencional ou alguém que se arrogue seu dono ou dona. Temos a alegria de não termos uma autoridade a qual todos e todas devemos nos subordinar. Isso é fantástico. Mas há demandas da sociedade às quais devemos nos atentar, as quais têm a ver com nosso histórico de organização social, produtividade econômica, produção cultural e artística, isto é, diversas frentes que dialogam com a realidade social e que deveriam provocar a produção filosófica.

Uma coisa em comum que vejo em diversos ambientes filosóficos que participo e participei na região — primeiro como estudante, professor e coordenador na UMESP e agora na UFABC —, é o fato de não haver uma corrente filosófica única ou preponderante. O que é uma coincidência muito mais que um plano, mas que acaba sendo uma característica. Há uma diversidade significativa de matrizes filosóficas e ideológicas, por exemplo, nos perfis docentes. Na UFABC mesmo, não somos um corpo docente formado majoritariamente de professoras e professores vindos de uma mesma corrente. Embora tenhamos, circunstancialmente, uma grande quantidade de professores que estudaram o mesmo

autor, viemos de instituições e concepções diferentes de filosofia, muitos e muitas até mesmo de fora dessa área. Isso permite uma diversidade interessante em nossas produções e orientações, o que reflete em muitas possibilidades de pesquisa e formação discente. Não consigo imaginar alguma ou algum estudante saindo da UFABC por querer estudar alguma área ou tema específico e não encontrar interlocução, podemos não encontrar especialistas, mas sempre há alguma interface e possibilidade de diálogo, o que é uma característica excelente de nossa instituição.

RFIM: *Quais desafios e interesses a história e os acontecimentos sociais podem oferecer à filosofia? Como isso se relaciona com a situação específica da filosofia no ABC paulista?*

DP: Acho que aí tem uma questão interessante. Já comentei da riqueza sócio-histórica da região, falei dos movimentos sociais e sindicais que são fortemente presentes na região, mas posso falar também da forte presença cultural e artística com as escolas livres de teatro e cinema, o Estúdio Vera Cruz — responsável por grande parte da produção cinematográfica brasileira durante muito tempo —, o patrimônio histórico que vai de Paranapiacaba até um dos únicos santuários de Umbanda do Brasil, a grande influência do teatro do oprimido na estrutura do teatro municipal de Santo André — que não se limita aos palcos italianos, algo raro de se ver em cidades do mesmo porte. Além disso, existem muitas outras coisas que conseguiram permear e dialogar com a

realidade da região, muito mais do que a filosofia.

Quando a UFABC, campus São Bernardo do Campo, ainda ocupava as instalações provisórias no prédio Sigma, no centro da cidade, me lembro de estar ministrando uma disciplina intitulada, na época, Conhecimento e Ética. Nela, dei uma aula sobre as implicações dos regimes autoritários na produção de conhecimento e para isso fomos visitar a Igreja Matriz de São Bernardo do Campo, onde aconteceu a construção de grande parte da estratégia dos metalúrgicos contra a ditadura. Assim, fui com a turma para a escadaria da igreja e tivemos a aula ali onde surgiu um elemento constitutivo da mais forte história sindical do Brasil, da organização das marchas operárias contra ditadura, dos voos rasantes em cima das manifestações que seguiam da Rua Marechal Deodoro ao Paço Municipal — o que está documentado por nosso cinema e pela história das próprias organizações não provoca ainda a filosofia; discutimos e fazemos pouco com isso. Vejo que acontecimentos similares provocaram grandes filósofos e filósofas em outros momentos da história e em outras partes do mundo, aos quais a realidade se lhes apresentou, saltando aos olhos. Aqui a realidade pula em nossa frente e não percebemos.

RFIM: *Como você vê a relação da UFABC — enquanto instituição, mas também pensando na atuação dos docentes e discentes — com a região do ABC paulista?*

DP: Algo a ponderar é que temos uma parcela significativa do corpo docente e discente que não é do grande ABC, então é natural que essas pessoas não sejam tão tocadas pela história cultural, político-social da região e acho que isso é bom, pois não deixa que fiquemos ensimesmados demais; não defendo uma filosofia regionalista. Mas tanto quem já é daqui — e tem trânsito e conhecimento maior dessa história —, quanto quem vêm apenas para estudar ou trabalhar na UFABC — e portanto passarão anos de suas vidas na região —, podem aproveitar as oportunidades que as especificidades e demandas da região nos apresentam.

As pessoas vão estudar subáreas da filosofia e, em geral, para isso procuram os grandes centros que são referências em suas áreas de estudos, então temos que também poder atrair pessoas interessadas em estudar a filosofia em relação com as experiências sócio-históricas que temos por aqui, aproveitando isso para além do regionalismo, pois além de ter importância para a região, pode enriquecer e muito a filosofia como um todo.

RFIM: *A presença de uma Universidade Federal na região do ABC paulista é a oportunidade que poderíamos ter para avançar na popularização e infiltração da filosofia na região?*

DP: Sem dúvidas! Hoje temos condições de ter uma estabilidade na produção filosófica com um grande corpo docente ativo,

contando ainda com a formação e com a pesquisa de mestrandas/mestrandos e doutorandas/doutorandos, além dos cursos de graduação da UFABC, nos quais a filosofia forma, estrutura e está presente desde cedo. E essa estruturação ocorre de forma que mesmo a filosofia não sendo o curso específico ou a carreira escolhida pela pessoa, só de integrar o currículo já se dissemina e potencializa a formação filosófica para centenas de estudantes das mais diversas áreas do conhecimento, os quais estão vivendo e transitando na região. Isso dá capilaridade e presença à filosofia, embora, repito, ainda haja uma ausência de pessoas que se coloquem filosoficamente nos seus círculos de diálogo na região.

De um ponto de vista nacional, no entanto, a UFABC já tem ganhado espaço como um polo reconhecido de produção filosófica e com isso a própria região passa a olhar para nós de outra forma. Quando temos, por exemplo, gente vindo de todas as regiões do Brasil para nossa seleção de doutorado, percebemos esse reconhecimento, dado que não procuraram a UFABC por acaso, mas por perceberem nossa diversidade, nossas especificidades e as possibilidades que proporcionamos.

RFIM: *Tendo em vista a importância atribuída por você ao papel que a filosofia deve cumprir em sua relação com a realidade da região e a origem institucional e teórica heterogênea das pessoas envolvidas nos cursos de filosofia da UFABC, como você avalia*

especificamente o nível de conscientização sobre a importância de efetivar esse intercâmbio? Além disso, como a interdisciplinaridade proporcionada pela UFABC pode nos ajudar nessa tarefa?

DP: Eu creio que nos falta conscientização da situação específica regional, mas também creio que isso esteja atrelado à concepção de filosofia, algo que discutimos frequentemente em nossos encontros e diálogos. Se a concepção de filosofia dos pesquisadores e pesquisadoras discentes e docentes for mantida naquela concepção de que fazer história da filosofia é também fazer filosofia e por isso podemos nos restringir a ela, será uma concepção válida, mas que dificilmente nos permitirá permear a realidade e a experiência de nossa região. Muitos consideram essa possibilidade um ganho, algo como Descartes, isolado em seu quarto, sem que nenhuma paixão do mundo o incomodasse, mas não vejo dessa forma.

Minha leitura é que se uma instituição surgida no começo dos anos 2000 e cuja área de filosofia data de 2010 for seguir nessa mesma via tradicional e etérea para procurar seu lugar ao sol ao lado de instituições tradicionais, perderemos o bonde da história. Por outro lado, se nos atentarmos para aspectos da regionalidade e da realidade como oportunidades, e não como limitadores ou como obrigação, logo poderemos extrair disso diferenciais para nossas produções. Por que não nos valemos de nossas especificidades para temperar e destacar nossa produção

filosófica frente às demais?

Nos falta perceber que tudo isso que comentamos aqui é oportunidade, é diferencial. E para isso é preciso que exploremos, algo que penso estar consolidado na UFABC, o direito de se ter uma concepção de filosofia para além da mera história da filosofia, o que é um dos motivos que atraem pessoas para se formarem conosco. Devemos estimular que mais pessoas, que assim desejem, adotem concepções outras de filosofia, que além de respeitar a tradição, se colocam em diálogo com a realidade e com as demandas sócio-históricas.

E a interdisciplinaridade tem tudo a ver com isso, é um desdobramento disso. Para falarmos de interdisciplinaridade devemos ter domínio de qual é a nossa disciplina, pois não elimina, mas pressupõe as disciplinas em um domínio tão grande que possamos sair do conforto disciplinar para ir às bordas dialogar com as demais. A região pede isso e a filosofia e a UFABC estão num lugar privilegiado para isso.

Talvez o grande ABC seja um dos significativos polos universitários do Brasil, e ter uma região de sete cidades com cerca de sete instituições tradicionais de ensino superior, mais a presença das Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo (FATEC), mais o campus UNIFESP Diadema, mais a UFABC, indica que temos tudo para transformar o grande ABC em um território universitário,

de produção de conhecimento e pesquisa. Avançar para a interdisciplinaridade e para a interinstitucionalidade com uma rede de universidades em diálogo intenso poderia reposicionar o ABC no cenário nacional. Embora estejamos longe disso, creio que temos as condições de provocar tal articulação pela própria natureza da UFABC, enquanto instituição pública, e da filosofia, enquanto área do saber que permite esse intercâmbio.

RFIM: *Até então, fizemos perguntas para você enquanto docente da UFABC. Agora, gostaríamos de deslocar e perguntar para Daniel, morador e cidadão do grande ABC: o que significa, ou pode significar, a UFABC para a região?*

DP: Vivemos por muitos anos em uma região privilegiada por ter instituições de ensino superior sólidas, mas que careciam de uma instituição pública e gratuita que, de certa maneira e com respeito, pudesse ocupar certa liderança que só instituições públicas podem fornecer. Não por conta de uma questão de qualidade ou concorrência, mas pelo investimento público com o qual temos certa obrigação, usando seu aporte, o direito de não se preocupar com mercado, de não haver mensalidade na UFABC; isso pode e deve significar esse alavancar da característica fortemente universitária que já temos na região. Temos tudo para nos tornar um polo com as demais instituições, e para isso precisamos não só que a filosofia, mas a UFABC como um todo, interaja de maneira mais intensa com a região e suas demandas,

bem como com as outras instituições.